# Lição 13: A Felicidade e os Bens Exteriores

> *Ao homem, por ser homem, será também necessária a prosperidade exterior. Pois a natureza não é por si suficiente para especular, mas é preciso que o corpo esteja são e que haja alimento e o restante do serviço. [2126]*
>
> *Não se deve, contudo, julgar que aquele que há de ser feliz necessite de muitas e grandes coisas, ainda que não seja possível ser bem-aventurado sem os bens exteriores. Pois não está na superabundância a suficiência por si, nem do juízo nem da ação. É possível, mesmo não sendo príncipes da terra e do mar, agir bem; pois, mesmo a partir de bens moderados, poderá alguém agir segundo a virtude. E isto se pode ver claramente: os particulares, com efeito, não parecem agir menos virtuosamente do que os poderosos, mas até mais. Basta que se tenha tanto; pois a vida daquele que opera segundo a virtude será feliz. [2128]*
>
> *E também Sólon talvez tenha declarado bem os felizes, dizendo serem aqueles moderadamente providos das coisas exteriores; pois julgava que agiam as melhores coisas e viviam temperadamente, visto que é possível aos que possuem coisas moderadas agir o que é preciso. [2130]*
>
> *Parece também que Anaxágoras não julgava feliz o rico nem o poderoso, dizendo que não se admiraria se isto parecesse inconveniente a muitos; pois estes julgam pelas coisas exteriores, sentindo somente estas. [2131]*
>
> *Assim, as opiniões dos sábios parecem consoar com as razões, e, portanto, têm certa credibilidade; mas, no âmbito das coisas operáveis, a verdade se julga a partir das obras e da vida, pois nelas está o que é dominante. É preciso, então, examinar o que foi dito, referindo-o às obras e à vida, e, quando consoa com as obras, deve-se aceitá-lo, mas, quando dissoa, deve-se suspeitar que são apenas palavras. [2132]*
>
> *Aquele que opera segundo o intelecto e o cultiva parece estar disposto da melhor maneira e ser o mais amado de Deus. Pois, se há por parte dos deuses algum cuidado das coisas humanas, como parece haver, será também razoável que eles se comprazam no que é ótimo e mais aparentado a si, e isto será o intelecto; e que beneficiem sobretudo os que o amam e o honram, como quem cuida de amigos que dele cuidam, e que agem reta e bem. Que todas estas*

> *coisas existem sobretudo no sábio, não é inaparente. Ele é, portanto, o mais amado de Deus. E é verossímil que o mesmo seja também o mais feliz. De modo que, também assim, o sábio será, sobretudo, feliz. [2133]*

**2126**. ***Ao homem será também necessária a prosperidade exterior*** etc. Depois de o Filósofo ter mostrado qual seja a felicidade perfeita, aqui mostra como ela se relaciona com as coisas exteriores.

E, primeiro, mostra como o feliz se relaciona com os bens inferiores;

em segundo lugar, como se relaciona com Deus, em ***aquele que opera segundo o intelecto*** etc.

Acerca do primeiro ponto, faz duas coisas:

primeiro, mostra quanto o feliz necessita dos bens exteriores e terrenos;

em segundo lugar, confirma-o pela autoridade dos sábios, em ***e também Sólon*** etc.

Acerca do primeiro ponto, faz duas coisas:

primeiro, mostra que o feliz necessita dos bens exteriores;

em segundo lugar, mostra que não necessita de muitos e grandes, em ***não se deve, contudo, julgar*** etc.

Diz, portanto, primeiro, que o feliz, por ser homem, tem necessidade da prosperidade exterior. Pois a natureza humana não é por si suficiente para especular, por causa da condição do corpo, que, para sua sustentação, necessita das coisas exteriores; ao passo que a substância intelectual incorpórea é por si suficiente para especular;

**2127**. mas ao homem, para que especule, é necessário, primeiro, ter o corpo são, porque, pela enfermidade do corpo, debilitam-se as forças sensitivas de que o homem se serve ao especular, e a intenção da mente é também distraída da atenção à especulação; o homem necessita também de alimento para a nutrição do corpo e do restante do serviço, isto é, que lhe sejam providas todas as outras coisas que lhe são necessárias à vida humana.

**2128**. Depois, quando diz: ***não se deve, contudo, julgar*** etc., mostra que o homem não necessita de muitas coisas exteriores para a felicidade. E diz que, ainda que não seja possível a alguém ser bem-aventurado, com a bem-aventurança desta vida, sem as coisas exteriores necessárias à vida humana, não se deve contudo julgar que, para que alguém se torne feliz, necessite de muitas e grandes riquezas. Pois o fato de alguém ser suficiente por si, o que se requer para a felicidade, não consiste na superabundância de riquezas, pois a natureza de poucas coisas necessita; a superabundância, ao contrário, torna os homens menos suficientes por si, pois o homem necessita do auxílio ou do serviço de muitos para guardar ou administrar riquezas

superabundantes;

**2129**. semelhantemente também a retidão do juízo, tanto da razão especulativa quanto da prática, e a ação virtuosa exterior podem existir sem a superabundância de riquezas. E, porque isto era manifesto quanto ao juízo da razão, manifesta-o em seguida quanto à ação da virtude, que parece necessitar de mais coisas, como se disse acima. E diz que é possível que aqueles que não são príncipes da terra e do mar, como que não superabundando em riquezas, ajam bem; pois, se alguém tiver moderadamente dos bens exteriores, poderá operar segundo a virtude. O que fica manifesto pela experiência: pois os homens particulares, isto é, os que levam uma vida popular e privada, parecem agir virtuosamente não menos do que os poderosos, mas até mais, porque os poderosos são impedidos de muitos atos virtuosos, tanto por causa das excessivas ocupações e solicitudes, quanto também por causa da soberba que a superabundância de riquezas gera. Ora, para a felicidade basta que o homem tenha tanto dos bens exteriores quanto possa operar virtuosamente, porque, se alguém operar segundo a virtude, sua vida será feliz, visto que a felicidade consiste na operação da virtude, como antes se disse.

**2130**. Depois, quando diz: ***e também Sólon*** etc., confirma o que foi dito pelas palavras dos sábios.

E, primeiro, propõe suas palavras;

em segundo lugar, mostra que, quanto ao que se propôs, deve-se dar-lhes crédito, em ***assim, consoar*** etc.

Acerca do primeiro ponto, faz duas coisas.

Primeiro, introduz a palavra de Sólon, que declarou serem felizes aqueles que são moderadamente providos quanto aos bens exteriores; pois estes sobretudo se encontram a agir virtuosamente e a viver temperadamente, porque alguns, possuindo riquezas moderadas, podem agir o que é preciso, ao passo que disso são impedidos tanto aqueles que superabundam em riquezas, por causa da excessiva solicitude ou por causa da soberba, quanto também aqueles que em tais coisas são deficientes, os quais é preciso que se preocupem demasiadamente em buscar o sustento; falta-lhes também, em muitas ocasiões, a oportunidade de agir bem.

**2131**. Em segundo lugar, em ***parece também*** etc., traz para o mesmo ponto a sentença de Anaxágoras, a quem parecia que nem o rico nem o poderoso podiam ser felizes, nem se admirava se isto parecesse inconveniente a muitos, porque a multidão dos homens julga segundo os bens exteriores, que são os únicos que conhece, ignorando, porém, os bens da razão, que são os verdadeiros bens do homem, segundo os quais alguém é feliz.

**2132**. Depois, quando diz: ***assim, consoar*** etc., mostra que se deve aquiescer às palavras dos sábios nesta matéria, concluindo do que foi dito que as opiniões dos sábios consoam com as razões, donde parecem ter certa credibilidade; mas, no âmbito das coisas operáveis, julga-se com mais verdade acerca da palavra de alguém a partir das obras e do seu modo de viver do que a partir da razão, porque o que é dominante, isto é, aquilo que é principal em torno das coisas operáveis, consiste nelas, a saber, nas obras e no modo de viver; pois, acerca de tais coisas, não se busca principalmente o conhecimento, mas a obra, como se estabeleceu no segundo livro. E,

por isso, é preciso considerar o que foi dito por comparação com as obras e a vida dos sábios, e aquelas coisas com que as obras dos sábios consoam devem ser aceitas, como, por exemplo, que não se requeiram para a felicidade riquezas superabundantes, que os sábios não buscam; se, porém, as obras dissoarem, deve-se suspeitar que sejam apenas palavras que não têm a verdade, como fica patente na sentença dos estoicos, que diziam não ser nenhum bem do homem as coisas exteriores, cujo contrário aparece em suas operações: pois apetecem-nas e buscam-nas como bens.

**2133**. Em seguida, quando diz: ***segundo o intelecto, porém*** etc., mostra como o feliz se relaciona com o que lhe é superior, isto é, com Deus. E diz que aquele que é feliz com a felicidade especulativa, porque opera segundo o intelecto contemplando a verdade e aplica seu cuidado ao bem do intelecto, parece estar disposto da melhor maneira, enquanto sobressai naquilo que é o que há de melhor no homem, e também é o mais amado por Deus. Pois, suposto, como é a verdade das coisas, que Deus tenha cuidado e providência das coisas humanas, é razoável que ele se deleite acerca dos homens com aquilo que neles é o melhor e que lhe é o mais aparentado, isto é, o mais semelhante a Deus, o qual é o intelecto, como fica claro pelo que foi dito antes; e, por consequência, é razoável que Deus faça o máximo bem àqueles que amam o intelecto e o honram, preferindo a todas as coisas o próprio bem do intelecto, como se os próprios deuses cuidassem daqueles que lhes são amigos; é também razoável que confiram benefícios àqueles que operam reta e bem.

**2134**. Ora, é manifesto que tudo o que foi dito convém ao sábio; pois o sábio ama e honra o intelecto, que é o que mais é amado por Deus entre as coisas humanas, e o sábio também opera reta e bem. Resta, portanto, que ele seja o mais amado por Deus. E o mais feliz é aquele que é o mais amado por Deus, que é a fonte de todos os bens. Resta, pois, que também segundo isto de que a felicidade do homem se diz existir pelo fato de ele ser amado por Deus, o sábio é o máximo feliz.

**2135**. Disto fica claro que Aristóteles põe a última felicidade humana na operação da sabedoria, sobre a qual determinou acima no sexto livro, e não na continuação com a inteligência agente, como alguns imaginam.

**2136**. Deve-se também notar que nesta vida ele não põe a felicidade perfeita, mas uma tal como pode competir à vida humana e mortal; por isso também disse acima no primeiro livro, *bem-aventurados, porém, como homens*.

---

Revision #2
Created 11 October 2026 19:08:00 by Admin
Updated 17 October 2026 13:46:42 by Admin